

ENTREVISTA COM O PROF. DR. ALFREDO PEREIRA JUNIOR

Entrevistador: Leonardo Ferreira Almada¹

Alfredo Pereira Júnior graduou-se em Filosofia pela UFJF em 1981, concluiu o Mestrado em Filosofia Contemporânea em 1985 pela UFMG, obteve o Doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência pela UNICAMP em 1994 e Livre-Docência em Filosofia da Ciência pela UNESP em 2000. Realizou Pós-Doutorado no Massachusetts Institute of Technology de 1996 a 1998, com bolsa da FAPESP. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Educação do Instituto de Biociências de Botucatu – UNESP, e professor dos programas de Pós-Graduação em Filosofia e Saúde Coletiva da UNESP. Nessa entrevista concedida à Revista Kínesis, o Prof. Alfredo fala de si mesmo, de suas manias, do percurso de sua formação, dos interesses que o direcionaram na carreira docente e autoral, e elabora algumas considerações sobre a situação do Brasil na atualidade. A entrevista foi realizada em junho de 2014.

* * *

O que o levou a querer estudar filosofia?

Durante minha adolescência, eu lia muito, principalmente histórias de detetives, e ouvia muita música, tipo rock conceitual (com letras filosóficas, como no grupo Moody Blues). Inicialmente, eu iria prestar vestibular de Engenharia. Houve um concurso de redação no cursinho que eu frequentava e ganhei o primeiro lugar. A professora de redação sugeriu que eu fizesse Filosofia e acabei concordando, mas o reconhecimento da necessidade de se ter uma formação mais prática me levou a fazer também Administração, em um curso noturno, e a estudar música, que sempre foi para mim uma atividade paralela. Mais tarde, no doutorado, vim a estudar física clássica, e ao mudar para Botucatu em 1988 comecei a me distrair consertando carros velhos, o que de certo modo foi uma retomada do gosto pela Engenharia. Das histórias de detetive, acredito que abduzi uma concepção da Filosofia como atividade investigativa;

¹ Professor Adjunto III do Instituto de Filosofia e do Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, UFU

quando li o discurso de Merleau-Ponty em que explicitava a ideia da filosofia como investigação e não dogma, logo me identifiquei com tal abordagem.

Descreva, em algumas palavras, como foi o percurso entre o que estudou na graduação e suas pesquisas de pós graduação strictu sensu?

Na graduação, eu estava interessado em Marxismo, participava ativamente do movimento estudantil, fui delegado na fundação do Partido dos Trabalhadores mineiro, mas meus professores eram aristotélico-tomistas, com duas exceções, os existencialistas. Ao notar as deficiências do marxismo quanto às questões existenciais, me dediquei a escrever um trabalho propondo uma síntese, em parte me inspirando em marxistas que se preocuparam com as “questões do modo de vida”, como Leon Trotsky e Wilhelm Reich. Cheguei a escrever uma monografia de bacharelado, mas até eu me formar havia apenas a licenciatura em Filosofia na UFJF, de modo que o trabalho ficou engavetado e acabei pesquisando, junto com o colega Eduardo Barra, o tema da Interdisciplinaridade. Algum dia, provavelmente na aposentadoria que se aproxima, retomarei esta obra inacabada.

Ao entrar no Mestrado em Filosofia na UFMG, tive a sorte de me integrar ao grupo interdisciplinar sobre Auto-Organização do psicanalista Dr. Célio Garcia, que aceitou minha orientação, resultando na primeira dissertação brasileira sobre este assunto. Também frequentava os cursos do Pe. Henrique Lima Vaz sobre Hegel (2 anos) e de José Anchieta Correa sobre o último Husserl e Merleau-Ponty (1 ano). O Anchieta, que era o coordenador da PG, me exigiu que estudasse também filósofos clássicos. Além de Hegel, eu queria reestudar o Aristóteles, em uma abordagem não tomista, que encontrei em um livro de Pierre Aubenque, disponível na biblioteca da FAFICH (que era na aprazível Rua Carangolas, pertinho da Savassi, em Belo Horizonte). Então aconteceu um dos eventos mais interessantes para mim àquela época, que foi visitar o Prof. Sílvio Barata, já aposentado há algum tempo, em sua residência de solteiro, para convidá-lo a voltar à ativa. Consegui juntar um grupo de 4 interessados e tivemos um ótimo curso.

No doutorado, queria estudar auto-organização na física e biologia, e fiquei fascinado com o cientista-filósofo Boltzmann, que abriu as portas que culminaram na Termodinâmica do Não-Equilíbrio de Ilya Prigogine. Novamente tive a sorte de ser orientado por um grande pensador, desta vez o Prof. Steven R. D. French, que estava iniciando sua carreira docente, e com quem aprendi muito sobre Filosofia da Ciência,

que se tornou minha principal área de atuação profissional. Infelizmente ele teve um desentendimento com o departamento de filosofia da UNICAMP e foi para os EUA e depois Inglaterra, onde está atualmente. O saudoso Prof. Michael Wrigley assumiu interinamente minha orientação, mas quem me ajudou muito, de modo informal, foi o Prof. Osvaldo Pessoa Jr., com quem discuti a bibliografia da tese, e que depois gentilmente escreveu a apresentação do livro da Ed. UNESP no qual publiquei o estudo do doutorado.

Como surgiu seu interesse pelas neurociências?

Em 1988, com a saída do Prof. Steven da UNICAMP, fiquei com receio de ter minha bolsa de estudos interrompida, ficar sem recursos, então prestei o primeiro concurso que apareceu, que foi na UNESP de Botucatu, onde estou até hoje. Na UNESP, comecei a lecionar Filosofia da Ciência para cursos da área biológica, e a interagir com colegas desta área, o que me levou naturalmente para a Filosofia da Biologia, que despertava muito interesse nesta época, principalmente por suas diferenças frente à Filosofia da Física, de onde eu vinha.

Em uma disciplina do Prof. Michael na UNICAMP, sobre Filosofia da Linguagem, li o livro “Linguagem do Pensamento”, de Jerry Fodor, que me encantou. A partir de meus novos conhecimentos de Biologia Molecular, em boa parte aprendidos com o Prof. Romeu Guimarães, com quem colaborava na PG em Genética da UNESP de Botucatu, cismei que a tal linguagem do pensamento seria uma linguagem biológica do tipo da então discutida “linguagem dos genes”, e então escrevi um artigo publicado na revista *Trans-Form-Ação*. Nesta época também conheci a Profa. Maria Eunice Gonzalez, que me apresentou a autores das Ciências Cognitivas, como Fred Dretske, que estudamos com o intuito de naturalizar o conceito de informação. Começava a participar assiduamente dos seminários sobre Auto-Organização organizados pelo Prof. Michel Debrun no CLE-UNICAMP, onde era (falsamente) reconhecido como sendo um biólogo, talvez por minha proximidade com o Prof. Romeu, que também passou a frequentar o grupo.

A partir da leitura do livro “O Instinto da Linguagem”, de Steven Pinker, logo que este foi publicado, comecei a pensar seriamente em uma abordagem neurocientífica da mente, e estudei por conta própria o livro-texto de Kandel, “Princípios da Ciência Neural” (não disponível em português àquela época), me preparando para fazer um pós-

doutorado nesta área. Contatei por e-mail (logo que este recurso ficou disponível na UNESP) o Pinker, que me encaminhou para a Profa. Sue Corkin, que por sua vez me encaminhou para o Prof. Steve Chorover, que me aceitou para o pos-doc com um projeto intitulado “O Cérebro Interativo”.

O Prof. Chorover se mostrou uma pessoa muito receptiva, de múltiplos interesses (inclusive, um conhecedor da obra de Paulo Freire), e me deu os primeiros toques com relação à importância dos processos afetivos no estudo da consciência. No MIT, fiquei dois anos, estudando intensamente, e assistindo a seminários diários (também em Harvard e na Boston University) com o que havia de mais avançado na neurociência, na filosofia da mente e ciências cognitivas. Participei, junto com o João Teixeira, de um grupo sobre Filosofia e Neurociência organizado pelo John Symons na Boston University, que mais tarde se expandiu. Também tive, no período noturno, uma atividade musical intensa, frequentando clubes de jazz, tocando bateria em diversas ocasiões e gravei um CD no estúdio que meu irmão tinha em Nova Iorque.

Ao retornar ao Brasil, senti que poderia direcionar minhas pesquisas para a Filosofia das Neurociências, título da disciplina que ministrei daquela época até hoje, no programa de PG em Filosofia da UNESP em Marília-SP.

Quais foram os grandes progressos que você obteve entre seu percurso inicial das neurociências e a pesquisa que realiza hoje?

Não sei se foram progressos de fato, mas eu passei por algumas mudanças de 1998 até hoje. Ainda nos EUA, conheci em um congresso da Cognitive Neuroscience Society, em São Francisco, o Prof. Armando Freitas da Rocha, então professor titular de Neurofisiologia da UNICAMP, que se tornou meu mentor. Começamos a discutir lá mesmo, e continuamos aqui no Brasil, o que ensejou a publicação de vários artigos e um livro internacional (“The Brain”) pela Springer em 1995.

Desde que completei o doutorado em 1994, vinha submetendo pedidos de bolsa de produtividade em pesquisa à área de Filosofia do CNPQ, mas os projetos eram devolvidos como sendo não pertinentes à área. Em 1999, alguém da área de Filosofia reencaminhou um pedido de auxílio para minha ida a um congresso na Itália para a área de Psicologia, onde foi aprovado. Então em 2000, aproveitando a deixa, fiz o pedido de bolsa de produtividade para a área de Psicologia, onde foi aprovado. De 2001 a 2013 fui bolsista nesta área, porém sem conseguir atingir o nível 1, pois no comparativo dos

índices de impacto com os colegas da área eu saía perdendo. Enquanto isso, via meus colegas de mestrado e doutorado atingindo os níveis superiores na área de Filosofia...

Mas minha situação no CNPQ ainda viria a piorar... O Prof. Armando um dia me sugeriu ler o artigo “The Astrocentric Hypothesis”, de James Robertson, publicado em 2002. Na época, eu mantinha correspondência com Gene Johnson, um neurocientista americano residente em Charlottesville-EUA, que não cheguei a conhecer pessoalmente, mas com quem colaborei em um par de artigos publicados. O Gene também insistia sobre a importância dos astrócitos na geração de uma “onda” de atividade cerebral que daria suporte à consciência.

A partir de 2007, em colaboração com meu então orientando de pos-doc Fábio Furlan (que havia sido meu aluno na graduação, e depois estudara psicobiologia e neurofisiologia com os Profs. Gilson Volpato e Katsumasa Hoshino, na UNESP de Botucatu e Bauru), comecei a concentrar meus estudos, discussões teóricas e publicações na temática dos astrócitos e seu papel nas funções mentais, um tema completamente novo. A partir de 2007, publiquei vários artigos com o Fábio, desenvolvendo algumas ideias originais que ainda estão tendo repercussões. Por uma questão tática, continuei a focar as sinapses neuronais nos projetos submetidos ao CNPQ, mas quando fiz um projeto voltado inteiramente para os astrócitos, recebi parecer desfavorável e deixei de ganhar a bolsa.

Neste ínterim, havia muita água rolando embaixo da ponte, o que me levou a retomar minhas raízes filosóficas e investir em uma nova teoria a respeito da consciência, de suas bases físicas e informacionais (que intitulei “Monismo de Triplo Aspecto”, abreviado MTA). Dentre estas atividades, destaco minha interação com orientandos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Quanto a revista *Nature* abriu um site interativo, em 2007, criei um grupo de discussão aberto, intitulado “*Brain Physiology, Cognition and Consciousness*”, que para minha surpresa se tornou o mais ativo de todo o site. A partir de uma longa discussão sobre o conceito de consciência, com mais de 1000 postagens, foi elaborado um artigo por mim e Hans Rieke, publicado no *Journal of Consciousness Studies*, e se formou um grupo mais restrito, de teóricos da consciência renomados, que constituíram um novo fórum, fechado, no site da Nature, intitulado “*Online Theories of Consciousness*”. Este fórum funcionou por um ano, e alguns autores chegaram a publicar um artigo conjunto no JCS (“*Understanding Consciousness*”), mas conflitos internos levaram à sua dissolução.

Alguns dos participantes, sob minha liderança, formaram outro grupo fechado, o “*Consciousness Researchers Forum*”, que entabulou discussões por mais um ano, culminando na organização de um livro publicado pela Cambridge University Press em 2013, “*The Unity of Mind, Brain and World: Perspectives on a Science of Consciousness*”. O livro contém dez capítulos, por autores diferentes, os quais, curiosamente, são de nacionalidades diferentes.

Os pareceristas da editora enfatizaram muito a necessidade de se ter uma visão integrada das contribuições dos autores, o que me levou a escrever um longo capítulo, alinhando as diferentes perspectivas e, a partir daí, formulando o MTA. Como era de se esperar, a redação deste capítulo me trouxe de volta à filosofia, mas inaugurando um ramo novo, que chamo de “ontologia interdisciplinar”. Nesta investigação, procuro constituir uma concepção integrada da realidade a partir de conceitos das ciências, incluindo as pesquisas qualitativas em humanas, de modo a incluir a informação e a consciência como aspectos fundamentais.

Ao mesmo tempo, eu criava na pós-graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu a disciplina “*Mente, Cérebro e o Processo Saúde-Doença*”, na qual poderia desenvolver com os alunos os temas de minha pesquisa sobre a consciência. O sucesso desta disciplina com os alunos foi algo inédito para mim, pois eu sempre encontrara resistência a meus cursos de Filosofia da Ciência!

A partir de 2013, devido a alguns encontros felizes e em parte inesperados, comecei a me envolver com a área de Bioética. No momento estou elaborando o conceito de *Consciência Bioética*, e pretendo estudar três autores que seriam precursores deste conceito: James Mark Baldwin, Alfred North Whitehead e Rudolf Steiner. Juntamente com colegas interessados nesta área, estamos elaborando uma proposta de programa de pós-graduação ‘*stritu sensu*’ em Bioética, a ser submetida à área Interdisciplinar da CAPES.

Como você define a importância de sua pesquisa com os astrócitos? Essa pesquisa já teve repercussão entre colegas da área?

Esta pesquisa me abriu caminhos para participação em congressos científicos e interações com cientistas, o que não seria possível se eu trabalhasse no estilo típico dos filósofos, que acabam se comunicando apenas entre si.

A repercussão das publicações realizadas (cerca de 15) ainda está acontecendo. O artigo que saiu no periódico de maior impacto (*Progress in Neurobiology*), em 2010, intitulado “*Astrocytes and Human Cognition*”, está com cerca de 80 citações. No futuro estas publicações poderão se revelar equivocadas, mas também poderão se tornar clássicas; tudo depende da evolução do conhecimento na área.

Dois eventos para mim foram muito marcantes, e mesmo que eu venha a ser devidamente contestado no futuro, não deixarei de curti-los intensamente. Em 2012, ao fazer uma visita à Profa. Claudia Carrara-Augustenberg na Universidade de Copenhagen, fui convidado - a partir de um conhecido dela - a apresentar um seminário sobre minha hipótese da função consciente dos astrócitos no laboratório (situado em Lyngby) do Dr. Henrik Bohr, neto do famoso físico dinamarquês. Ele me fez mais elogios que a minha modéstia me permite reportar, inclusive que eu era muito modesto! Chegamos a elaborar um projeto de pesquisa conjunto, a ser encaminhado a agências financiadoras no Brasil, mas meus fracassos no CNPQ e outras circunstâncias me levaram a postergar a submissão.

No artigo de 2010 acima citado eu e Fábio fazíamos algumas previsões, duas das quais vieram a se realizar, em publicações do laboratório da Dra. Maiken Nedergard, situado em Rochester – EUA. Entrando em contato com a Dra. Nedergard por e-mail, ela me convidou a fazer uma palestra para seu grupo de pesquisadores, possivelmente o maior e mais avançado do planeta em pesquisas sobre ondas de cálcio astrocitárias, utilizando microscopia de fluorescência. Lá, em 2013, travei conversas aprofundadas com diversos pesquisadores, e tive sala cheia (cerca de 40 pessoas) na apresentação do seminário, que aparentemente fez sucesso, “ensinando o padre-nosso ao vigário”.

Você sente seu trabalho mais reconhecido no Brasil ou no exterior?

Na verdade, não sinto meu trabalho reconhecido nem no Brasil nem no exterior, mas tenho esperança de que sendo persistente possa vir a receber maior atenção, pois minhas propostas são dinamite puro.

Uma parte do que eu fiz é ciência teórica, outra parte é filosofia.

Os cientistas querem fatos, mas eu só tenho a oferecer conceitos, daí noto uma tendência a desvalorizarem meu trabalho, mesmo que não tenham lido ou entendido a mensagem, e mesmo que não tenham outra teoria melhor para assumir. Na área

biológica, é muito comum os cientistas se recusarem a discutir teorias, preferindo ficar presos aos resultados empíricos.

Os filósofos, por sua vez, discutem conceitos, mas invariavelmente a estratégia de discussão é criticar as propostas alheias. Como eu não estou me apoiando em grandes filósofos, tenho que me defender por conta própria. Outra dificuldade é que me baseio em conceitos originados nas práticas científicas, que são desconhecidos pela grande maioria dos filósofos. Nós lutamos para ter disciplinas de filosofia nos demais cursos universitários, mas ninguém luta pela inclusão de disciplinas de física, química, biologia ou matemática nos cursos de filosofia.

Quais conselhos você daria para quem quer começar a trabalhar com filosofia das neurociências?

Essa pergunta é a mais difícil, pois se eu for honesto vou ser impopular, e se eu for popular não vou ser honesto. Em poucas palavras, eu faria uma analogia: pouquíssimas pessoas conseguem passar descalças sobre um braseiro sem queimar os pés.

Eu preciso dizer que só consegui seguir a trajetória que segui, nas interfaces interdisciplinares, porque recebi o apoio de algumas pessoas certas, nos momentos críticos. Todos os meus orientadores aceitaram que eu trabalhasse à minha maneira, que não era exatamente o que eles próprios faziam.

Nas iniciativas de colaboração internacional, preciso destacar duas pessoas que foram decisivas para que eu conseguisse levar os projetos a bom termo. Primeiramente o Chris Nunn, psiquiatra aposentado e editor assistente do *Journal of Consciousness Studies*. Ele me ajudou durante anos, colaborando com as discussões nos grupos do site da *Nature* e revisando meus textos submetidos para publicação. Só fui conhecê-lo pessoalmente em 2012, na cidadezinha de origem medieval em que mora, na Inglaterra. A outra pessoa foi o Dietrich Lehmann, que também conheci via Internet, nos grupos da *Nature*, e que veio a ser coeditor do livro da CUP. Passamos dois meses trabalhando intensamente no livro, em Zurique, em 2012, e posso dizer que sem a qualidade de seu trabalho este livro não teria a qualidade que tem. Infelizmente, o Prof. Dietrich faleceu ao final de junho de 2014.

Você acha que essa área, que hoje passa por uma expansão, continuará se expandindo no Brasil?

Eu gostaria que sim, pois a neurociência atrai muito interesse, mas para ser um bom filósofo da neurociência há em minha opinião quatro requisitos: a) Ter um bom conhecimento de história da filosofia; b) Ter uma visão crítica da história da filosofia; c) Ter um bom conhecimento das neurociências, e d) Ter uma visão crítica das neurociências. Naturalmente, muitas pessoas terão dificuldade em conciliar a com b, c com d, e, principalmente, a-b com c-d.

A dificuldade dos brasileiros com a ciência e tecnologia não é culpa dos professores ou pais dos alunos, é resultado de uma matriz cultural profunda na qual o componente afetivo é mais importante que o cognitivo. No mundo anglo-saxônico é o inverso. Daí eles terem vantagens na sociedade atual, mas nós também temos vivências importantes que precisam ser valorizadas. Nossa peculiaridade cultural pode favorecer uma abordagem da neurociência que seja mais afetiva e menos cognitiva. Hoje já temos, no estudo da consciência, uma saturação das abordagens cognitivistas, tanto as computacionais quanto as enativistas (que enfatizam os sistemas motores, ou seja, a relação da cognição com a ação). A neurociência afetiva, por outro lado, ainda se resume, praticamente, aos trabalhos de Jaak Panksepp, Joseph LeDoux e principalmente Antonio Damásio. Os dois últimos ainda fazem suposições cognitivistas, entendendo que os sentimentos e emoções teriam como função representar estados somáticos, enquanto o primeiro adota uma abordagem biologizante, que reduz os sentimentos à expressão de mecanismos instintivos do cérebro.

Acredito que neurocientistas brasileiros, ao assumirem sua raiz cultural, possam contribuir para superar a ideia do *Eu cognitivo* - como aglomerado de registros de memória e mapas - e avançar rumo a um conceito de *Eu afetivo*, que se caracteriza por ser primeiro sentiente, e só secundariamente cognoscente.

Em meus estudos de filosofia da neurociência, identifico um paradigma emergente. A distinção principal que percebo é entre processamento digital-discreto (com base em potenciais de ação neuronais, os mais enfocados na neurociência ortodoxa) e ondulatório-contínuo (enfocando as ondas de energia que perpassam o tecido cerebral). O primeiro tipo de processamento ocorre nos axônios dos neurônios, e se relaciona com a cognição, a inteligência. O segundo tipo perpassa os potenciais graduados dos dendritos dos neurônios, o meio extracelular e as células gliais (que formam a chamada ‘panglia’), instanciando - segundo minha hipótese - o sentido (‘meaning’) e o sentimento (‘feeling’).

Dos diversos tipos de células gliais (astrócitos, oligodendrócitos, microglia) e componentes da matriz extracelular, o único tipo celular que funciona como multi-conector ('hub') é o astrócito, daí minha proposta de que a rede astrocitária seria o "hub mestre" que instancia as ondas dos sentimentos, que se espalham por todo o corpo vivo. Esta proposta é experimentalmente falsificável, basta analisar as ondas cerebrais lentas e verificar se os padrões modulados por amplitude se correlacionam com os tipos de sentimento.

Se os sentimentos são o ingrediente essencial da consciência, a base das vivências humanas na arte, religião, psiquiatria, esporte, etc., e se as células gliais estão diretamente envolvidas nas experiências sentimentais, então podemos pensar em uma transdisciplina que envolva todas as áreas acima, com um núcleo comum que seria o estudo científico das funções mentais da glia.

Você acha que a pesquisa empírica por parte de filósofos das neurociências é útil ou desnecessária?

É muito útil, mas não necessária, pois, para bom entendedor, ler nas entrelinhas dos artigos científicos publicados pode bastar.

No meu caso, eu consegui fazer, com meus orientandos, diversas pesquisas empíricas qualitativas, todas já publicadas, mas não consegui financiamento para fazer pesquisas experimentais. Hoje em dia a ciência é muito competitiva; nenhum parecerista parece estar disposto a apostar que uma pessoa com formação em Filosofia e Administração, que tem como hobbies tocar bateria e consertar carros velhos, possa fazer uma boa investigação sobre efeitos mentais de estimulação elétrica do corpo humano com música, como eu cheguei a propor em um projeto, que foi completamente desqualificado pelo parecerista do CNPQ. Entretanto, me parece que só uma pessoa com o perfil como o acima poderia conceber uma possibilidade experimental que os neurocientistas, presos em sua "ciência normal", nunca viriam a imaginar!

Qual sua atitude frente à pressão por uma crescente quantidade de publicações, como condição para a carreira acadêmica? Você concorda com o ditado "publish or perish"?

Por mais distorcida que seja essa visão (e ela tem sido implementada de modo a meu ver inadequado, pela CAPES e universidades públicas), acredito que poderia ser

pior sem ela! Antes dela, imperava o compadrio em muitas instituições científicas brasileiras. Se tiver que optar entre o compadrio e o produtivismo, fico com o segundo, pois no primeiro contexto eu não teria como progredir (me falta o “QI”).

Na verdade, eu escrevo mais por prazer, embora tenha por muito tempo procurado satisfazer à sanha do produtivismo. Me orgulho de minhas publicações; em cada uma das cento e tantas que escrevi e/ou colaborei, sempre há alguma ideia nova, alguma hipótese, alguma proposta de abordagem diferente. Hoje em dia, com a Internet, temos uma chance de eternizar nossa obra científica/filosófica, mesmo sem ser uma celebridade. Por exemplo, o site *Research Gate* possibilita arquivar o texto completo das publicações, as tornando gratuitamente acessível para todos os interessados cadastrados no site. Fico feliz ao ver que meus trabalhos foram baixados milhares de vezes, por gente de vários países.

Também tenho participado de fóruns de discussão online, e até debatido minhas pesquisas no *Facebook*; temos alguns grupos de discussão, como o *Conscientes* e o *Techno.exe*, que têm funcionado muito bem. Muitas vezes uso minhas postagens para estes fóruns e grupos como material para trabalhos submetidos para publicação. A Internet fornece ótimas possibilidades interativas para um trabalho filosófico interdisciplinar!

Como é sua relação com a UNESP?

Se a UNESP por um lado me propiciou ampla liberdade para pesquisar e ensinar temáticas de meu interesse, por outro ela desconhece totalmente aquilo que faço. Como é bem sabido, a avaliação do trabalho docente (em ensino, pesquisa, extensão e administração acadêmica) é feita quantitativamente, por meio de uma planilha. Para ter progresso na carreira, é preciso satisfazer a uma série de itens, mas ninguém avalia a qualidade científico-filosófica da pesquisa realizada. Você pode ser merecedor de um Nobel, mas se não satisfizer todos os itens necessários para progressão para o próximo nível da carreira, você continua na mesma situação funcional o resto da vida.

É o que aconteceu comigo: em 2006, tinha condições de prestar concurso para Professor Titular, porém não consegui vaga. A Reitoria tinha liberado vagas para todos os interessados em condições de prestar o concurso, mas eu fui desautorizado por uma comissão do meu instituto, por não ter apresentado para ela todos os comprovantes do currículo. Acontece que nosso departamento estava em reforma, e muitos dos

comprovações estavam encaixotados. Eu entreguei meu Lattes e os originais de todas as publicações, acreditando que isso fosse suficiente, mas a UNESP queria também os comprovantes das atividades que eu tinha realizado na própria UNESP...

Depois deste momento, a UNESP criou novas regras para progressão, incluindo a que reza: “ter coordenado projeto de pesquisa com financiamento externo à UNESP”. Como eu tinha coordenado 4 projetos de pesquisa financiados com bolsa de produtividade do CNPQ, e como sou coordenador de tarefa em Projeto Temático da FAPESP, na qualidade de pesquisador principal, recebendo benefícios complementares, acreditei que conseguiria a progressão... Ledo engano, pois minha bolsa do CNPQ, assim como a coordenação de tarefa, não foram consideradas como “financiamento de pesquisa” pela UNESP, e sim “financiamento do pesquisador”. Tentei argumentar que no trabalho filosófico é o próprio pesquisador que constitui o “laboratório” da pesquisa, mas não adiantou.

A única ocasião em que me senti reconhecido na UNESP foi quando Luciana Christante, mestre em neurociência e editora da revista *UNESP Ciência*, realizou uma entrevista sobre minha pesquisa teórica com os astrócitos. Gostei tanto da experiência que em uma publicação que se sucedeu inseri um agradecimento a ela!

Ao me aposentar, o que espero fazer em 5 anos – assim que cumprir as exigências legais – terei a satisfação de ter impulsionado a criação da revista *Simbio-Logias*, do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP de Botucatu, que é única em sua interface interdisciplinar entre Filosofia, Educação e Nutrição. Temos optado por não adequar esta revista às normas da SCIELO, pois se o fizermos não poderemos mais publicar em nossa própria revista... Desse modo, ela segue seu caminho bem sucedido, como veículo das produções interdisciplinares de nosso departamento (que é de Educação, mas congrega também docentes da Filosofia e da Nutrição). Caso nossa proposta de PG venha a ser aprovada, esta revista será também veículo online gratuito da produção do futuro programa.

Como está sua participação política na atualidade?

Desde 1983, quando tive que optar entre militância política e estudo sistemático (para conseguir fazer o mestrado na UFMG), me afastei da atividade político-partidária, e me mantenho apartidário até hoje. Entretanto, ao presenciar as manifestações populares ano passado (2013), e notar como a tecnologia da informação está sendo

usada pelos movimentos de mobilização política, senti que minha velha aspiração de uma democracia socialista embasada na auto-organização popular poderia estar se tornando possível.

A partir de postagens no *Facebook* (onde criei a página *Crítica da Crítica*, com a finalidade de discutir política) elaborei, juntamente com quatro colegas, um artigo que apresenta a proposta de criação do *Forum Oficial Popular Online* (FOPO). Reproduzo aqui o resumo deste artigo, que pode ser encontrado em <<http://www.fatece.edu.br/revista/perspectivas/assets/alfredo-pereira-jr-et-al..pdf>>: “O desenvolvimento científico-tecnológico nas áreas de informática e sistemas de comunicação tem sido interpretado como forma de controle e manipulação dos cidadãos pelo Estado e elites dominantes. Neste ensaio desenvolvemos a possibilidade oposta, a saber, o uso das tecnologias para o controle do Estado, e de atos ilícitos da elite, pela maioria da população. Vislumbramos e propomos a formação de um Fórum Oficial Popular Online (FOPO), acompanhado de encontros presenciais de grupos de militância, de modo a constituir um mecanismo político de auto-organização popular, que teria a função de fiscalizar atos do Executivo, substituir processos decisórios atualmente sob responsabilidade do Legislativo, e vetar nomeações irregulares no topo do Judiciário. A operação deste mecanismo – uma radicalização do “governo do povo, pelo povo e para o povo” – poderia presumivelmente oferecer uma nova via para a superação do regime capitalista rumo a um socialismo verdadeiramente democrático, um regime econômico-político em que seriam minimizadas a exploração, opressão e alienação humanas. Esta transição, por ora hipotética, seria possível com o uso da tecnologia da informação pelo povo organizado, por meio do controle sistemático da aquisição e uso social da propriedade, sem a abolição da propriedade privada obtida de modo lícito”. Talvez o FOPO seja uma forma de operacionalizar politicamente as propostas de redução da desigualdade econômica contidas no livro “O Capital no Século XXI”, de Thomas Piketty, que está tendo um sucesso estrondoso, inclusive nos EUA.

Durante séculos, as elites brasileiras pouco se preocuparam em criar oportunidades de trabalho produtivo e conquista de melhor qualidade de vida para a ampla maioria da população. Nos últimos 12 anos, esta maioria revidou, investindo em busca de mais acesso aos bens de consumo, por meio de programas assistenciais, atos de corrupção (cobrança de propinas no serviço público), empreguismo público, atos ilegais (intensificação do tráfico, que assumiu o controle de bairros populares) e

informalidade. Como resultado disso tudo, observamos uma melhora no padrão de consumo popular, mas de modo não sustentável, e o reforço de um padrão moral desfavorável ao trabalho produtivo. Esta situação não pode ser vista com bons olhos nem pelos capitalistas liberais, que propõem uma sociedade civil forte e um estado fraco, nem pelos socialistas que digeriram adequadamente a filosofia de Marx, para quem toda riqueza humana advém do trabalho produtivo criativo, ou a filosofia de Steiner, para quem o desenvolvimento humano deve estar alicerçado em ações autônomas.

Para as eleições deste ano (2014), sinto falta de quem defenda uma proposta tipo FOPO. No Brasil de hoje, há partidos ruins e outros piores, todos comprometidos com um modo de organização política que não abre espaços para uma efetiva participação popular. Isso é um anacronismo, nestes tempos de Internet. Precisamos de uma reforma política que incorpore mecanismos de participação popular que são possíveis com um uso adequado das tecnologias da informação. Qual partido se compromete com uma reforma política deste tipo? Não uma reforma por decreto, como a criação dos conselhos populares pela presidente Dilma Rouseff. Essa ideia seria boa, se partisse dos movimentos populares e estivesse combinada com uma utilização adequada dos meios de comunicação, pois só assim estes conselhos seriam transparentes e não-manipuláveis pelo grupo no poder (como parece acontecer na Venezuela, em que os chavistas manipulam as instituições da sociedade civil a seu bel-prazer, escapando de um controle democrático por parte da maioria da população).

Nestas eleições, acredito que não fará muita diferença se vencer a situação ou a oposição, pois ao final das contas continuará a política "do toma lá da cá", que tem como fiel da balança o PMDB. Alguns partidos tem um bom programa, outros têm candidatos razoáveis, mas ao invés de polarizar a discussão em termos de partidos ou candidatos, seria melhor focar as propostas: quem tem compromisso com uma reforma política que coloque a democracia brasileira no Séc. XXI?

Estamos chegando ao final da entrevista. Você tem algo em especial que gostaria de dizer?

Preciso dizer que apesar de todas as reclamações acima, chegando agora na reta final da carreira, e me aproximando da chamada "terceira idade", eu me sinto realizado em termos pessoais e profissionais. Não mencionei minha vida pessoal antes, mas é

importante lembrar há uma enorme influência da família no nosso modo de pensar; por exemplo, eu comecei a me interessar mais pela psiquiatria e pela dimensão afetiva da mente humana a partir da convivência com a Maria Alice (minha esposa), que trabalha na área de Saúde Mental, e acabei me interessando por Rudolf Steiner em decorrência de influência da escola Waldorf em que o Thales (meu filho) estuda e aprecia.